HISTÓRIAS DE VIDA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS REFLEXÕES QUE DESPERTAM O APRENDIZADO

ADNA CRISTINA DA SILVA

RESUMO

O presente artigo tem como propósito contribuir para as discussões acerca dos benefícios da contação de histórias e leitura como ferramentas de aprendizagem e socialização para alunos da Educação de Jovens e Adultos, tomando por base experiências positivas, de uma escola estadual do município de Mauá, SP, no período compreendido entre os anos de 2008 e 2012. O convívio e o desenvolvimento das estratégias pedagógicas, centradas no debate, na troca de experiências e reflexões, possibilitaram a verificação e evolução do protagonismo discente em turmas de EJA. Como metodologia complementar, optou-se pela revisão de literatura numa busca de informações, delineando um estudo secundário através de outros primários, sendo estes analisados e avaliados quanto à sua qualidade científica. No escopo deste trabalho, são citados vários autores, com ênfase ao educador Paulo Freire, principal defensor da capacidade humana de se construir ou reconstruir por meio da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, pela pedagogia da autonomia.

PALAVRAS-CHAVE: Contação de Histórias; Educação de Jovens e Adultos; Leitura; Paulo Freire.

1 INTRODUÇÃO

Algumas situações que serão aqui expostas, são fruto de um trabalho que desenvolvi, como professora de língua portuguesa por muitos anos em salas de EJA de escolas públicas, onde "aprendi a ter um novo olhar" sobre a diversidade de experiências e o conhecimento de mundo que os alunos adultos carregam, bem como suas reflexões considerando os contextos social, pessoal e profissional.

A diversidade de interesses e de idades tornaram o ambiente investigado rico e desafiador. Para Schwartz (2010, p.13), "as classes da EJA também acolhem [...] sujeitos com nível cultural e educacional diferenciado, o que faz do espaço de sala de aula um ambiente rico e marcado pela diversidade" em que o foco está nas práticas comprometidas com a igualdade e solidariedade.

As histórias de vida dos alunos, como instrumento de investigação, refletem como estão no momento em que narram suas experiências e suas aprendizagens, seus percursos de formação e suas histórias de desenvolvimento pessoal e profissional, bem como as mudanças e progressos ocorridos com a retomada dos estudos.

O educador, competente em sua formação humana, acadêmica e pedagógica, também precisa saber acolher e direcionar sua prática para que os alunos se sintam respeitados e valorizados, mesmo nas dificuldades, como sujeitos de direitos.

Além disso, reconhecer no professor outros aspectos importantes, como a ética e o compromisso de ensinar, o respeito aos diversos níveis de aprendizagem, o combate à exclusão social, é essencial para que o desenvolvimento da criticidade e cidadania dos educandos da EJA efetivamente ocorra.

2 ASPECTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

É possível, por meio de uma rápida pesquisa, verificar que os governantes brasileiros nunca tiveram a real intenção de oferecer educação de boa qualidade à população, fazendo disso uma "velha promessa eleitoreira". Como consequência, temos mais de trezentos anos de atraso educacional, péssimos índices em leitura, interpretação de textos e raciocínio lógico, acarretando prejuízos à economia e causando ainda mais injustiça social.

Segundo (GADOTTI, 2009, p. 6) "o analfabetismo é uma ofensa ao direito de cidadania: é como negar o direito humano à comida, à liberdade, o direito a não ser torturado". Cabe à escola o papel de formar cidadãos que pensem essas questões e que possam perceber os vários motivos que levam um indivíduo a ser considerado excluído.

O problema da exclusão para o contexto educacional, mais precisamente na EJA, está diretamente relacionado à pobreza, na medida em que os sujeitos dessa modalidade são, geralmente, "frutos" de histórias mal sucedidas, de seus antecedentes e por não terem tido direito à educação, perderam, também, outros direitos básicos da condição humana. Trata-se de homens e mulheres, a maioria negros e idosos, que enfrentam problemas de moradia, violência doméstica, desemprego, falta de assistência médica, vícios (deles ou de pessoas muito próximas), que sofrem o preconceito e a exclusão social, tornando-se cada vez mais marginalizados.

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil tem um longo histórico de abandono, alguns programas criados, porém rapidamente abandonados pelo Governo, pouco respaldo nas bases legais, muitas vezes desmotivando professores e alunos, gerando constante insatisfação e insegurança a todos quanto ao futuro.

Fazendo um recorte histórico, observa-se que em 1967, para realizar a alfabetização dos brasileiros entre jovens e adultos, houve a criação do Mobral, que ocorreu em substituição ao

método de alfabetização de adultos preconizado pelo educador Paulo Freire. Durante mais de uma década, jovens e adultos frequentaram as aulas do MOBRAL, porém a recessão econômica iniciada nos anos 80 inviabilizou a continuidade do programa. A partir de 1985, com o fim do regime militar, a Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) passou a se chamar Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos – EDUCAR, que também foi extinta em 1990.

Com a aprovação da LDB 9394/96 e das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação de Jovens e Adultos, a EJA foi reconhecida como um direito da população e caracterizado como modalidade da educação básica correspondente ao atendimento de jovens e adultos que não frequentaram ou não concluíram a educação básica na idade própria. A EJA expressa também a concepção de resgate de uma dívida social de herança colonial negativa, preservando uma educação que fortaleceu a desigualdade social.

Foram criadas, desde a aprovação da LDB, várias políticas públicas voltadas aos jovens e adultos trabalhadores, insuficientes para suprir a demanda de combate ao analfabetismo no Brasil. Entre elas destacam-se: Brasil Alfabetizado, PROEJA, PROJOVEM, Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos, ENCEJA etc, além de cursos de formação profissional.

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil se originou muito mais como produto para combater a miséria social do que como medida para o desenvolvimento. É consequência dos males do sistema público regular de ensino e das precárias condições de vida de grande parte da população brasileira, que acabam por interferir no aproveitamento da escolaridade na época apropriada. (HADDAD, 1994). A escola tem condenado ao abandono e ao fracasso os sujeitos pertencentes às camadas mais populares, anteriormente não reconhecidas como detentoras de saberes legítimos.

A respeito do descaso com a educação, Paulo Freire afirma:

Um dos piores males que o poder público vem fazendo a nós, no Brasil, historicamente, desde que a sociedade brasileira foi criada, é o de fazer muitos de nós correr o risco de, a custo de tanto descaso pela educação pública, existencialmente cansados, cair no indiferentismo fatalistamente cínico que leva ao cruzamento dos braços. (FREIRE, 2003, p.67)

Atualmente, muitas escolas estão reduzindo as turmas de EJA, fechando salas, gerando desemprego aos professores e aumentando o número de jovens fora da escola. O investimento na Educação de Jovens e Adultos também é menor do que na Educação Básica Regular, não há incentivo aos alunos para permaneçam na escola. Pode-se observar também a escassez de material pedagógico, a falta de laboratórios e computadores, ocasionando aulas repetitivas que não estimulam a participação dos alunos, mesmo com todo o empenho do professor. Consequentemente, muitos realizam as provas do ENCEJA para obter a certificação. Porém, nem todos se sentem preparados para participar de tais exames, devido ao longo tempo fora da escola ou pela falta de tempo, orientação e material necessário para estudar os conteúdos exigidos.

A percepção de que os governantes continuam precarizando o sistema educacional brasileiro, precisa alcançar a todos os cidadãos. E essa responsabilidade faz com que os educadores de EJA queiram mostrar àquela pequena parcela da população em sala de aula, que somente a Educação transforma e arranca dos olhos "o véu da ignorância", para que possam enxergar os caminhos da liberdade e valorizar o poder das escolhas. Segundo Freire, "mal se imagina o que pode passar a representar na vida do aluno um simples gesto do professor" [...]. (2003, p.42).

2.1 As histórias, as reflexões e o aprendizado

As histórias contadas em sala de aula servem como material valioso e devem ser aproveitadas pelo professor, não para exposição dos alunos, mas como oportunidades para abordar temas polêmicos e necessários ao desenvolvimento da cidadania. Por exemplo, a partir de um relato onde se verifica violência doméstica contra crianças ou mulheres, é possível ao professor elaborar sequências didáticas para fomentar o debate entre os alunos, complementar com eitura de reportagens e exibição de filmes, para orientar o pensamento crítico do grupo.

A partir da análise das diversas narrativas, é possível verificar o conjunto de características que foram compondo o contexto do processo de aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos, e as dimensões que organizam o desenvolvimento. Dessa forma, as histórias de vida dos alunos da EJA confirmam os elementos que justificam a teorização frequente sobre as dimensões multiculturais, que possibilitam traçar os processos de desenvolvimento desses sujeitos.

Para Josso (2004, p.78) as histórias de vida, voltadas para o desenvolvimento pessoal e profissional "evidenciam a extrema variabilidade do tempo necessário, das condições psicossomáticas requeridas, dos recursos que estão em jogo e, finalmente, dos tipos de resistência ou problemas encontrados".

Cecília Galvão aponta as relações sociais como "local" de múltiplas experiências e aprendizagens:

[...]. Portanto, homens e mulheres aprendem pelas relações sociais, organizam suas experiências e principalmente formam as histórias de vida. Assim criam-se as histórias, as desculpas, as razões para fazer ou não fazer (GALVÃO, 2005).

A heterogeneidade caracteriza essa modalidade de ensino, tornando o espaço repleto de riqueza social e cultural. Há aspectos que fazem desses estudantes seres singulares que, por meio de suas histórias de vida, de suas memórias e representações, preenchem o cotidiano da Educação de Jovens e Adultos e, por sua vez, precisam de "escolas" e outros espaços que entendam e respeitem suas particularidades.

É necessário fazer referência a realidade dos educandos: suas histórias de vida e suas especificidades no contexto em que estão inseridos, para então construir uma metodologia que atenda o educando de modo singular. As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica ressaltam que:

A instituição da Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem sido considerada como instância em que o Brasil procura saldar uma dívida social que tem para com o cidadão que não estudou na idade própria. Destina-se, portanto, aos que se situam na faixa etária superior à considerada própria, no nível de conclusão do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. (BRASIL, 2013, p. 40)

São comuns as histórias daqueles que, pelos mais variados motivos, tiveram de abandonar a escola. Há pessoas que foram reprovadas muitas vezes e resolveram parar, outras precisaram trabalhar muito cedo para ajudar no sustento da família, algumas mulheres casaram-se ou simplesmente engravidaram ainda na adolescência, tendo que dedicar todo o tempo aos filhos e marido (quando tinham!). Seres humanos que desde cedo tiveram que enfrentar todo tipo de exclusão, as durezas da realidade e também não receberam nenhum tipo de estímulo para permanecer estudando.

Por outro lado, é bastante encorajador, pensarmos em possibilidades para a construção de uma nova história, basta que o sujeito da EJA tenha oportunidades e acesso a uma educação de qualidade, o que vai de encontro ao pensamento de Paulo Freire:

Talvez seja este o sentido mais exato da alfabetização: aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se. Por isto, a pedagogia de Paulo Freire, sendo método de alfabetização, tem como ideia animadora toda a amplitude humana da "educação como prática da liberdade", o que, em regime de dominação, só se pode produzir e desenvolver na dinâmica de uma "pedagogia do oprimido". (FREIRE, 2005, p.8)

O educador não tem somente o dever de respeitar, deve aproveitar a experiência dos educandos e associar ao conteúdo dado, deve discutir com os alunos a realidade concreta a que se deve associar para um pensar direcionado. O professor desenvolve o pensar em conjunto com o educando, tudo concorrendo para melhorias reais acerca da prática do ensino-aprendizagem.

Geralmente, os sujeitos da EJA voltam a estudar para conquistar algo, que sempre sonharam. A maioria dos alunos afirmam que têm objetivos a realizar, como conquistar um emprego melhor ou um diploma para fazer faculdade, até mesmo por realização pessoal, ou para auxiliar as crianças nas tarefas escolares. É a força do desejo que os impulsiona a seguir rumo ao objetivo, como meta de vida. Paulo Freire sensibiliza o leitor quando destaca que:

Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem "tratar sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível". (FREIRE, 2003, p. 58).

2.2 Afetividade impulsionando a autoestima

Segundo Freire (2003, p.98) "a educação, como experiência especificamente humana, é uma forma de intervenção no mundo" e a escola tem a responsabilidade de apontar aos alunos os caminhos da evolução pessoal, da busca por direitos, do pensamento ético e cidadão. A Educação de Jovens e Adultos está intimamente ligada à sonhos, expectativas, anseios de mudança, e os educadores precisam estar abertos ao diálogo, à prática da afetividade e orientação pessoal ou profissional com seus alunos.

Cabe ao professor de EJA ensinar o educando a "pensar certo", estimular o aprendizado, diversificar as estratégias pedagógicas e, principalmente, demonstrar afetividade em todas as circunstâncias, combatendo todo tipo de exclusão, especialmente em ocasiões nas quais o aluno possa sentir-se inferiorizado, seja pela valorização do erro ou por situações vexatórias causadas pelo grupo.

Além disso, é preciso mostrar novas possibilidades e rumos, ampliando os horizontes daqueles que ainda não conseguem perceber suas potencialidades. É fundamental que a sala de aula seja um local propício à troca de experiências, à valorização humana e resgate da autoestima tão necessária àqueles que sentem grande insegurança diante dos novos desafios. Ao ouvir os relatos dos colegas, a reflexão se faz naturalmente, a amizade e a empatia tornam o grupo mais forte, capaz de lidar com as adversidades.

Isso se justifica quando todos, educandos e educadores, compreendem o esforço que o aluno trabalhador ou idoso faz para estar na escola, desafiando as inúmeras dificuldades do seu cotidiano, buscando a própria evolução e inclusão social.

Em salas de EJA, professores e alunos testemunham histórias que revelam uma realidade difícil, baixa autoestima, desemprego, vícios, problemas nos relacionamentos, e tantas outras situações que, geralmente, sentem vergonha de expor. Diante dessas histórias, se faz necessário que o grupo auxilie o narrador a superar as dificuldades ainda existentes e faça uma reflexão conjunta para ajudá- lo a prosseguir com atitudes e pensamentos mais adequados à realidade atual.

Ao longo da convivência, adquirindo a confiança necessária, estabelecendo vínculos de amizade e pertencimento, muitos sentem até necessidade e orgulho de expor suas histórias de superação, ressaltando o sofrimento, a coragem e a altivez que nortearam tais experiências marcantes. Como resultado, é comum observar melhora geral na autoestima e comportamento social junto à comunidade escolar.

Segundo Paulo Freire (2003, p.14), "formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas". É necessário ao educador ter formação ética e percepção da importância de incentivar os educandos à reflexão crítica acerca da realidade em que estão inseridos.

As interações entre os alunos, refletem excelente fonte de evolução tanto coletiva como individual, pois todos se ajudam e são ajudados ao mesmo tempo.

3 CONCLUSÃO

A contação de histórias e a leitura dialogam com diferentes práticas de letramento, no fortalecimento de uma Educação de Jovens e Adultos emancipatória e de relevante qualidade social.

A partir do acolhimento em sala, o aluno de EJA sente-se encorajado pelo professor e seu grupo a dividir suas experiências de vida, suas narrativas alegres ou tristes, transmitindo suas reflexões acerca do mundo.

É indispensável fazer referência a realidade dos educandos: suas histórias de vida e suas especificidades no contexto em que estão inseridos, para então construir uma metodologia que atenda o educando de modo singular.

Manter a autoestima elevada por meio da afetividade entre professor e aluno, é fundamental, pois a autoestima elevada faz com que o indivíduo se valorize e descubra a sua importância no mundo.

Freire (2003) ressalta o quanto um determinado gesto do educador pode repercutir na vida de um aluno (afetividade e postura) e da necessidade de reflexão sobre o assunto, pois segundo ele "ensinar exige respeito aos saberes do educando". A construção de um conhecimento em parceria com o educando depende da relevância que o educador dá ao contexto social.

Assim, o professor, sobretudo nas salas de EJA, deve ser afetivo, propiciar momentos de interação entre os alunos, tornar a convivência mais amigável, organizar rodas de conversa e contação de histórias, estimular a leitura de variados gêneros textuais, propor o reconto de histórias conhecidas, entre outras atividades pedagógicas significativas. É de suma importância que o grupo se relacione com confiança e respeito mútuo, participando das atividades propostas, desenvolvendo a reflexão e a criticidade como práticas cidadãs.

Logo, pode-se dizer que a EJA é uma modalidade educacional que deve ser respeitada em suas especificidades e seus alunos, pessoas que, por diversas razões não puderam concluir a educação básica na idade própria, necessitam de orientação para desenvolver o pensamento crítico acerca da realidade social e econômica na qual estamos todos inseridos. Além disso, os estudantes precisam ser acolhidos com afetividade e respeito às diferenças, recebendo do professor, além dos conteúdos pedagógicos, indicações para atuar no mundo do trabalho e das tecnologias, tão necessárias nas tarefas do dia a dia.

Ensinar é, principalmente, preparar o caminho para a total autonomia de quem aprende, tornando o cidadão consciente de seus deveres e direitos.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6022: Informação

e documentação: Artigo em publicação periódica técnica e/ou científica. Rio de Janeiro, 8 p. 2018. Acesso em: 13 ago. 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: Informação

e documentação: Referências. Rio de Janeiro, 68 p. 2018. Acesso em: 13 ago. 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6028: Informação

e documentação: Resumo, Resenha e Recensão. Rio de Janeiro, 3 p. 2021. Acesso em: 13 ago. 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520: Citações

em Documentos. Rio de Janeiro, 7 p. 2002. Acesso em: 13 ago. 2021.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, Moacir. Educação de Jovens e Adultos como Direito Humano. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire. 2009.

GALVÃO. Cecília.; LOPES, Selva Paraguassu. Narrativas em Educação. In:

Ciência e Educação. v.11, n 2, p. 327-345, 2005.

HADDAD, Sérgio, & DI PIERRO, Maria Clara. Diretrizes de política nacional de educação de jovens e adultos: consolidação de documentos 1985/1994. São Paulo: CEDI, Ação Educativa.1994.

JOSSO, Marie-Christine. Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez, 2004.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (BRASIL). Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Brasília: MEC/SEF, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao--basica-2 013-pdf/file>. Acesso em: 13 jun. 2021.

SCHWARTZ, Suzana. Alfabetização de jovens e adultos: teoria e prática. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010